



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Trabalho, questão social e serviço social

O DESENVOLVIMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Adriana Pereira Souza¹
Nayara Hakime Dutra Oliveira²

Resumo: O artigo é resultado de um estudo/análise da dissertação para obtenção do título de mestre, a pesquisa documental realizada em um Comunidade Terapêutica foi analisada juntamente com outras pesquisas nacionais importantes na obtenção do conhecimento crítico acerca do fenômeno da dependência química enquanto doença e enquanto expressão da questão social em uma sociedade capitalista.

Palavras-Chave: dependência química; fatores de risco; questão social.

Introdução

Envolto nas barbáries sociais jovens e adolescentes tem procurado alternativas para viver e sobreviver dentro dessa sociabilidade burguesa, e a venda de drogas faz parte, dentro do capitalismo da esfera econômica que pressupõe a exploração da mão de obra para produção da mais-valia.

Nesse contexto o trecho da pesquisa aqui apresentado faz uma análise documental que envolve pesquisa nacional e pesquisa em material coletado em uma Comunidade Terapêutica no interior de São Paulo. Esta comunidade, a Associação Mão Amiga Recanto Janaína (AMARJA), foi escolhida por ser entre as cadastradas com todas as regularidades municipais, estaduais e federais, por realizar um trabalho com equipe multiprofissional completa, que conta com Médico Psiquiatra, Psicólogos, Assistentes Sociais, Farmacêutico entre outros, e por ter todos seus acolhidos encaminhados voluntariamente através do CapsAd, ou seja, momento em que o programa de Redução de Danos já não se demonstrou eficaz para os atendidos do Município.

Esse artigo é parte da dissertação para obtenção do título de Mestre defendida em 2017.

O início do uso de drogas na sociedade capitalista

¹ Estudante de Pós-Graduação, Universidade Estadual Paulista - UNESP - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, E-mail: dri_pereira20@hotmail.com.

² Professor com formação em Serviço Social, Universidade Estadual Paulista - UNESP - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, E-mail: dri_pereira20@hotmail.com.

Olhar para as transformações biopsicossociais dos adolescentes, seu ímpeto pelo complexo e desafiador, por não ter ainda desenvolvido uma parte do seu córtex frontal é imprescindível para compreender o fenômeno dos dados analisados na pesquisa documental realizada na Associação Mão Amiga Recanto Janaína (AMARJA) onde 76% dos acolhidos iniciaram o uso de substâncias ainda nesta faixa etária, porém, não se pode parar só na questão individual e familiar sem lembrar que estes estão inseridos em um contexto social que perpassa uma ideologia burguesa.

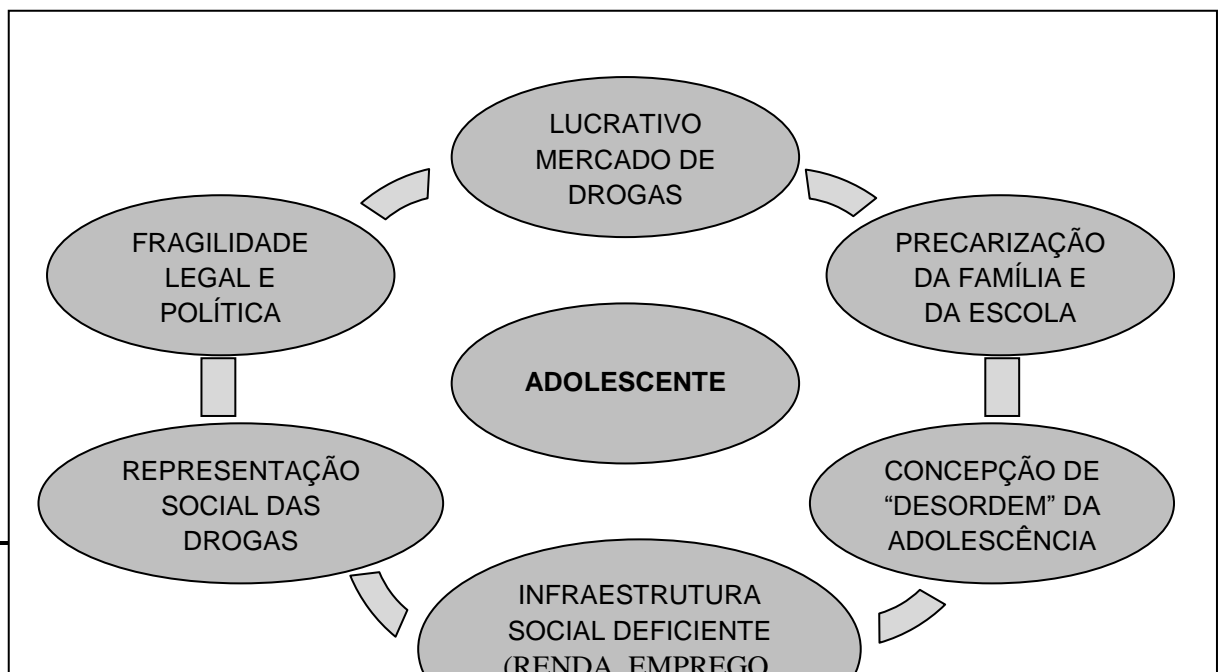
É essa ideologia que afasta os pais ou responsáveis do convívio próximo de seus filhos e que fazem cada vez mais o ser humano procurar por prazeres fáceis e de baixo custo, num momento de alienação que obscurece o fenômeno do uso de drogas e as suas consequências (SILVA et al., 2011, p. 85). É nesse campo que a adolescência se fertiliza para o consumo de drogas, os efeitos gerados pelas substâncias se configuram como libertadores de conflitos nesta etapa da vida.

Silva et al. (2011, p. 83) coloca que “[...] nesta sociedade, a esfera legal e política encontra-se fragilizadas, a família e a escola evidenciam um processo de precarização de vínculos e funções sociais ao passo que o mercado de drogas se fortalece e torna cada vez mais lucrativo”.

Os autores ainda representam essas esferas da questão, que incide nos adolescentes, através de figuras que mostram a condição deles dentro deste contexto, onde uma estrutura social é capaz de modificar e transformar os seres humanos enquanto seres individuais e enquanto família.

Os eixos temáticos que apresentam a figura não são isolados, são distintas, porém indissociáveis, mas vez ou outra uma situação pode se sobre por, gerando assim predominância de um eixo que poderá ser ou não temporal.

Vejamos a figura:



Fonte: Silva et al., 2011, p. 84.

Após apresentar essa figura os autores refletem dentro de um contexto da totalidade concreta, onde dão “ênfase na predominância da determinação da esfera econômica, com maiores implicações no momento histórico” (SILVA et al., 2011, p. 84). O contexto atual realmente perpassa por uma conjuntura jamais vivenciada desde a origem das últimas substâncias como CRACK e LSD, hoje tão presentes e de tão fácil acesso para os jovens.

As substâncias vêm acompanhando essas mudanças sociais e se transformando para não perderem seu espaço num mercado capitalista tão competitivo. É possível usar como exemplo, a própria maconha, que conforme análise é uma das primeiras drogas que os adolescentes consomem. “Por exemplo, a maconha nos anos 1970 continha menos de 0,2% de THC (Delta 9 – tetrahydro-cannabinol) e 20 anos após contém uma média de 6%, chegando a 14%.” (SILVA et al., 2011, p. 84). Essa substância, o THC, é a responsável pelo “barato” que a maconha gera, além desta existem mais outras centenas de substâncias na planta.

Essas alterações atendem ao mercado que precisa se manter ativo e atendem aos anseios de uma geração que precisa de tudo com muita imediatividade.

O último estudo realizado pelo Cebrid (2010), o VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras, foi realizado em 2010 e trouxe números que nos mostram que a realidade em todo país está complicada.

Ao analisar os dados coletados na AMARJA e um estudo tão complexo como este realizado no Brasil, compreende-se que a realidade no município de Franca não é diferente, e que também se algo não for feito com os adolescentes de hoje, daqui há alguns anos, parte deles estarão passando por tratamentos assim como os acolhidos que foram sujeitos de nossa pesquisa.

Em uma das tabelas apresentadas neste levantamento observa-se o quão grande é o consumo de SPA entre os estudantes:

Tabela 1. Uso de diferentes drogas psicotrópicas entre 50.890 estudantes de ensino fundamental e médio das redes públicas e privadas das 27 capitais brasileiras,

de acordo com os tipos de uso, com análise comparativa entre as duas redes de ensino.

Tipo de droga	Tipos de Uso%	
	Pública	Privada
Maconha	5,8	5,1
Cocaína	2,8	1,5
Crack	0,7	0,2
Anfetamínicos	2,1	2,7
Solventes / Inalantes	8,1	10,9
Ansiolíticos	4,6	7,9
LSD	0,8	1,6
Energético com álcool	14,8	17,7
Tabaco	17,9	13,1
Álcool	59,3	65,0

Fonte: CEBRID., 2010, p. 27. Adaptação Tabela 1.5.

Esses valores são significativos quando postos dentro do contexto no qual é a proposta desta pesquisa, que mostra a ligação de fatores que levam pessoa a desenvolver a dependência química. Percebe-se também que alguns tipos de substâncias têm maior índice de consumo entre os estudantes de escolas particulares, como é o caso do álcool, LSD, solventes e inalantes, ansiolíticos, entre outras mostrando assim que mesmo entre crianças e adolescentes o uso de drogas não é apenas um fator ligado a pobreza, ao contrário os jovens vem cada dia mais mostrando uma “ostentação” através do tipo de droga consumida, entre eles se tornou “chic” tomar vodka e whisky caros.

Neste estudo, que foi significativo pela sua extensão no território brasileiro, avaliou-se predominantemente a faixa etária de 13 a 15 anos, que equivaleram a 41, 1% do total de 50.890 estudantes.

Ainda como resultado deste levantamento foi apontado que 25,5% dos estudantes referiram ter feito uso de drogas em algum momento da vida, ou seja, 1 entre 4 crianças e adolescentes fizeram uso e esses números tendem a aumentar com a facilidade em se obter as substâncias principalmente o álcool.

Em uma sociedade capitalista, em que consumir, ter bens e produtos é sinal de valor, não se estranha que os jovens de classe média ou baixa se busquem essa ilusão gerada pelo próprio sistema como forma de mantê-lo.

Silva et al. (2011, p. 70) faz uma colocação sobre essa perspectiva mercadológica do uso de drogas e as classes sociais:

Podemos considerar que o consumo de drogas, de certo modo, pode ser apresentado como uma expressão da “questão social”, porém temos que considerar que: não é um fenômeno exclusivo da população jogada ao pauperismo e consiste num fenômeno historicamente anterior ao sistema capitalista, embora sua relação com a pobreza, desemprego e violência seja claramente perceptível.

São essas condições sociais que influenciam diretamente as famílias e as impedem de exercer efetivamente seu papel enquanto fator de proteção.

São desafios constantes e apesar dessa clareza sobre o acesso as drogas não estar vinculado a uma ou outra classe social, é possível verificar que o motivo que tem levado as crianças, adolescentes e jovens a usá-las se diferem sim por circunstâncias econômicas, como coloca ainda Silva et al. (2011, p. 58) em sua obra, que foi além da dependência química enquanto doença, mas conseguiu analisá-la como expressão da questão social:

Embora o uso de drogas por adolescentes não seja exclusivo de uma determinada classe social, as razões e circunstâncias parecem ser peculiares a cada grupo social. Ou seja, se nas regiões mais pauperizadas, o uso de drogas por adolescentes pode estar mais relacionado às condições econômicas precárias e à falta de perspectivas e oportunidades de melhores condições de vida, entre os adolescentes mais ricos, o excesso de liberdade, o diálogo familiar comprometido, a influência dos ambientes frequentados parecem constituir fatores importantes para o uso de drogas.

Infelizmente, as pessoas que desenvolvem a doença têm buscado recursos para lidar com ela cada vez mais tarde, foi possível perceber por meio da análise de dados, de pesquisa bibliográfica e do levantamento nacional que, mesmo o consumo de drogas sendo grande entre os adolescentes, estes buscam tratamento tardiamente. No recorte temporal desta pesquisa, a predominância da idade dos acolhidos está na faixa dos 21 a 30 anos, representando 36% sendo mais significativo observar a idade média dos 31 a 40 e dos 41 a 50, que apesar de apresentarem uma porcentagem menor (27%), juntas representam mais da metade dos acolhidos.

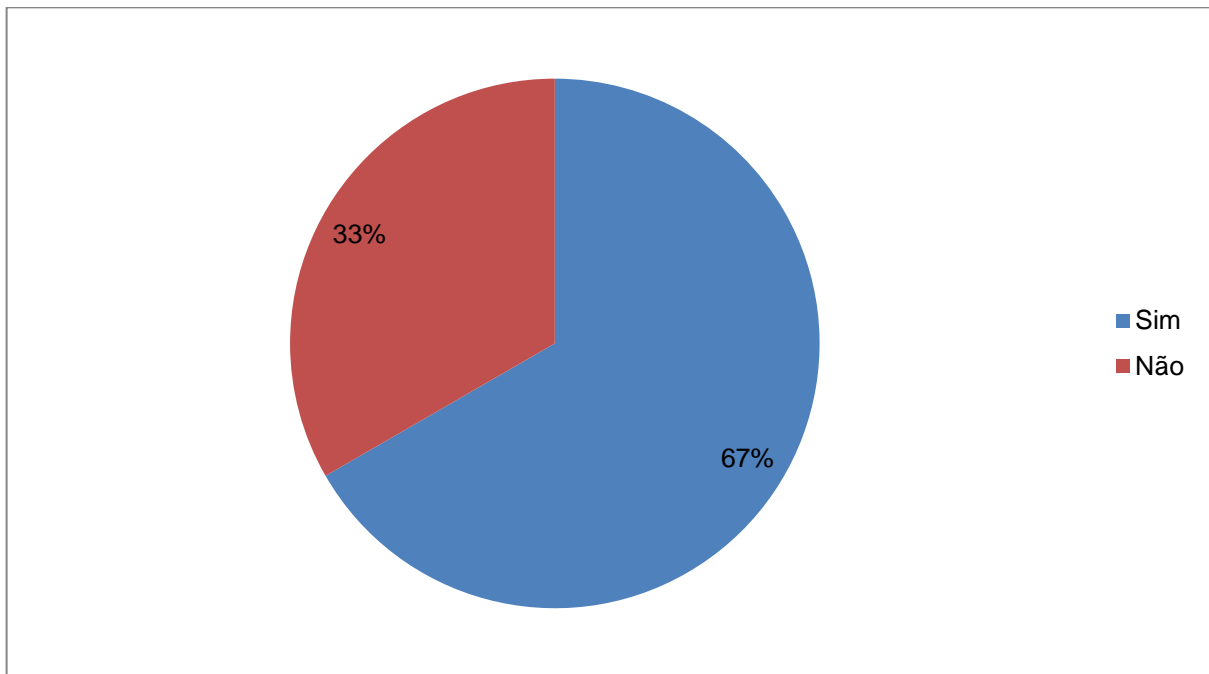
Essa busca tardia pelo tratamento pode dificultar os resultados devido ao desgaste proporcionado pela doença, a maioria já perdeu o trabalho, carro, casa e outros bens materiais, perdem os vínculos familiares, vivenciam momentos de violência verbal e física, chegam a cometer crimes para manter o uso, até um ponto em que se perde a identidade e dignidade.

Iniciar o tratamento precocemente, no início do abuso ou dependência, pode ter muita influência no prognóstico da doença. É mais difícil tratar alguém que foi dependente de droga por muito tempo do que quem usa a droga há, por exemplo, dois ou três anos. Há um equívoco quando muitos consideram a desintoxicação da droga como um tratamento. O que se pretende, nesses casos, é simplesmente livrar o organismo da substância. (BATISTA NETO, 2009, p. 173).

Verificou-se que 33% dos acolhidos se encontravam em situação de rua quando buscaram o tratamento. Dos 30 acolhidos, 2 estavam presos e vieram direto da penitenciária para o tratamento, isso equivale a 6%, e como podemos analisar no gráfico a seguir a

passagem pela polícia em decorrência a situações ligadas ao uso de drogas é algo recorrente:

Gráfico 15. Passagem pela polícia



Fonte: elaborado por Adriana Pereira Souza.

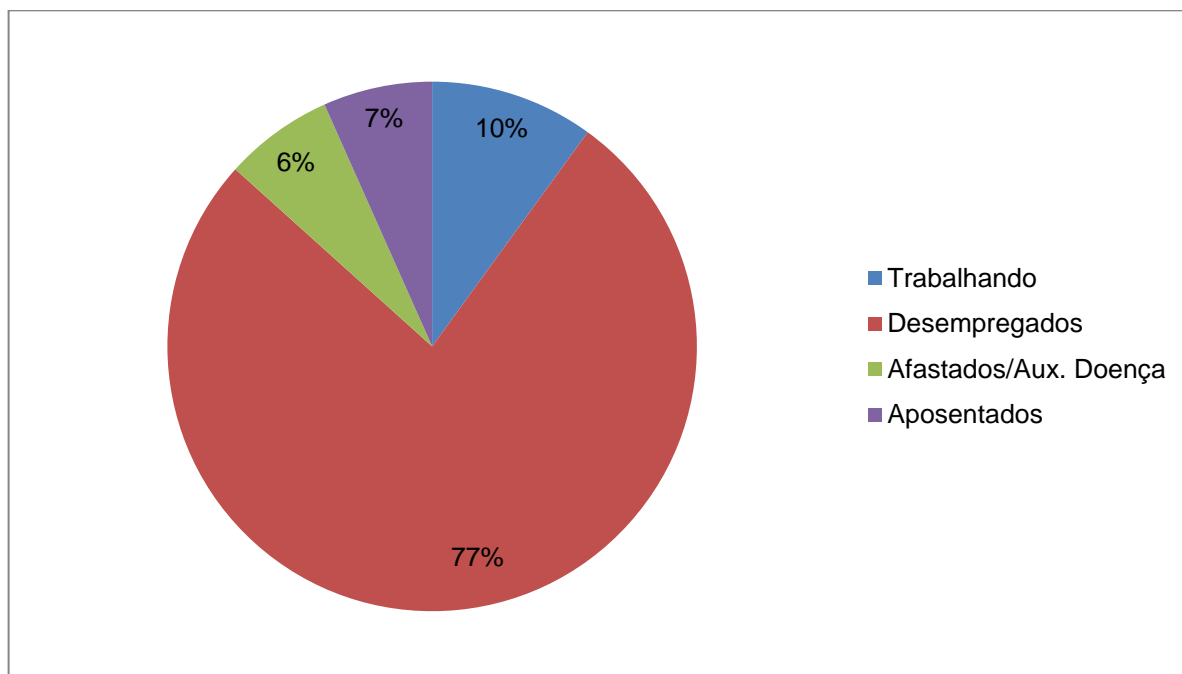
Esse dado é revelador das condições vivenciadas pelas pessoas que tem dependência química e buscam o tratamento. Uma porcentagem de 67% retrata a situação de violência pelas quais eles e suas famílias vivenciam no decorrer de suas vidas, assim fica cada vez mais distante a possibilidade de transformação, sendo necessário um trabalho conjunto que ressignifique a vida deles e de suas famílias.

Normalmente quando chegam ao ponto de solicitar um tratamento através de internação é porque já não conseguem mais se ver na sociedade fazendo o uso recreativo das substâncias como acreditavam poder e porque também as práticas de Redução de Danos não atingiram seus objetivos. As perdas que se têm são fundamentais para que os sujeitos percebam os danos causados pelas drogas e reconheçam que precisam de um tratamento que seja capaz de fazer esse processo de reencontro do sentido de si mesmo e de seus valores. Enxergar-se como ser humano com múltiplas capacidades.

Imagine em uma sociedade capitalista na qual se compreende que o “trabalho dignifica o homem” qual é a posição de alguém que não tem trabalho, que quando consegue uma oportunidade não consegue manter-se nele. Essa é a realidade destes que enfrentam uma doença e seus preconceitos sociais, 77% dos acolhidos estavam desempregados

quando procuraram a internação como meio de tratamento, apenas 10% estavam empregados.

Gráfico 16. Situação de trabalho



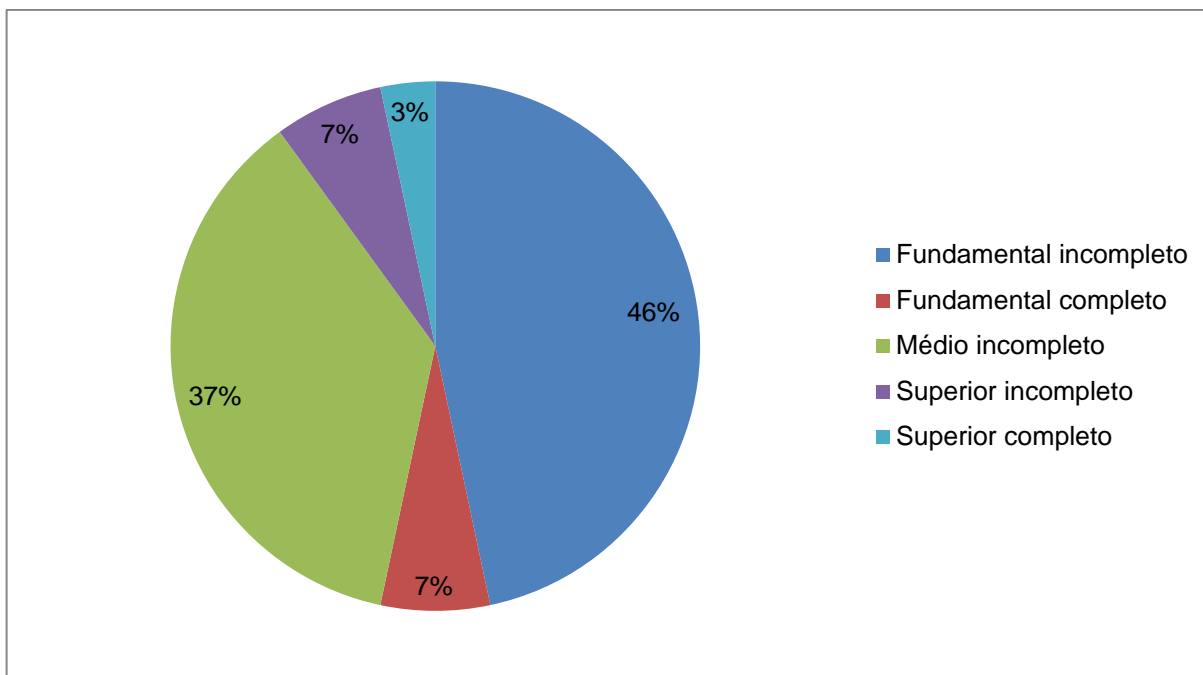
Fonte: elaborado por Adriana Pereira Souza.

Essa situação de trabalho é marcante e pode ser decisória para a busca de tratamento, pois, é através das perdas que o usuário de Substâncias Psicoativas (SPA) percebe que sozinho já não conseguem mais e que é preciso ajuda profissional para retomar seu caminho.

A tendência mercadológica do sistema vigente ainda visa desqualificar a mão de obra de trabalhadores como eles, que costumam ter registros de curtos períodos na carteira de trabalho, ou sequer conseguem comprovar a sua experiência, sendo muitos serão submetidos a trabalhos exaustivos, mal remunerados o que pode se caracterizar como um fator de risco para permanecer em uso ou fortalecer o processo de recaída para aqueles que já se encontram em manutenção do tratamento.

Por iniciarem o uso ainda na infância ou adolescência muito deles não chegam a concluir os estudos, este fato também os desqualifica no mercado de trabalho, na análise realizada o seguinte resultado é apresentado para o item nível de escolaridade:

Gráfico 17. Nível de escolaridade



Fonte: elaborado por Adriana Pereira Souza.

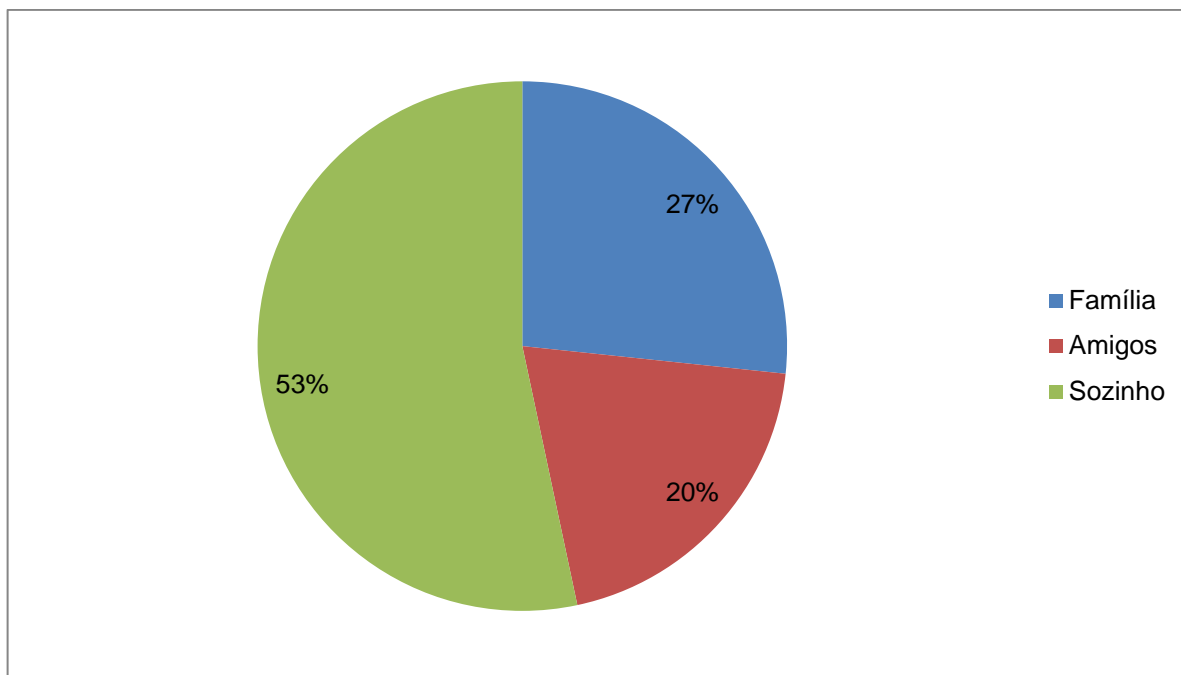
Além de gerar dificuldades para recolocação no mercado de trabalho, o abandono escolar ainda no ensino fundamental é sinal de que a dependência química estava instalada já no período da adolescência. É comum a pessoa com a doença ir deixando aos poucos suas atividades e tarefas e viver em função da droga.

Batista Neto (2009, p. 173) coloca que:

O uso repetido de drogas muda a forma como o usuário se relaciona com o mundo. Além de alterar as emoções, comprometer a capacidade de cognição e os reflexos motores, o drogadicto organiza sua vida em função das drogas. Assim, uma das principais dificuldades no tratamento do usuário de drogas diz respeito à sua rede social. A pessoa que usa qualquer tipo de droga, gradativamente vai organizando sua vida social, amigos e atividades, em torno da droga. Largar a droga significa para ela perder os amigos, abandonar seus momentos de lazer, ficar sem ter o que fazer.

Foi perceptível essa relação com a droga também através dos dados analisados na ficha de avaliação psicológica da AMARJA, quando se é perguntado “com quem você passa a maior parte de seu tempo livre?” e em seguida se pergunta “Está satisfeito em passar seu tempo livre dessa maneira?”. Não foi surpreendente que a maioria passe seu tempo sozinho e que não estivesse satisfeito com essa situação.

Gráfico 18. Com quem passa o tempo livre



Fonte: elaborado por Adriana Pereira Souza.

Essa desconexão com a família, a ausência de um círculo de amizades saudáveis, aliadas à dificuldade em se manter no trabalho, demonstram a ausência das relações sociais equilibradas. Esse desequilíbrio deve ser percebido pelo usuário da substância, somente assim ele buscará pelo tratamento e considerará este como relevante para a retomada de sua vida.

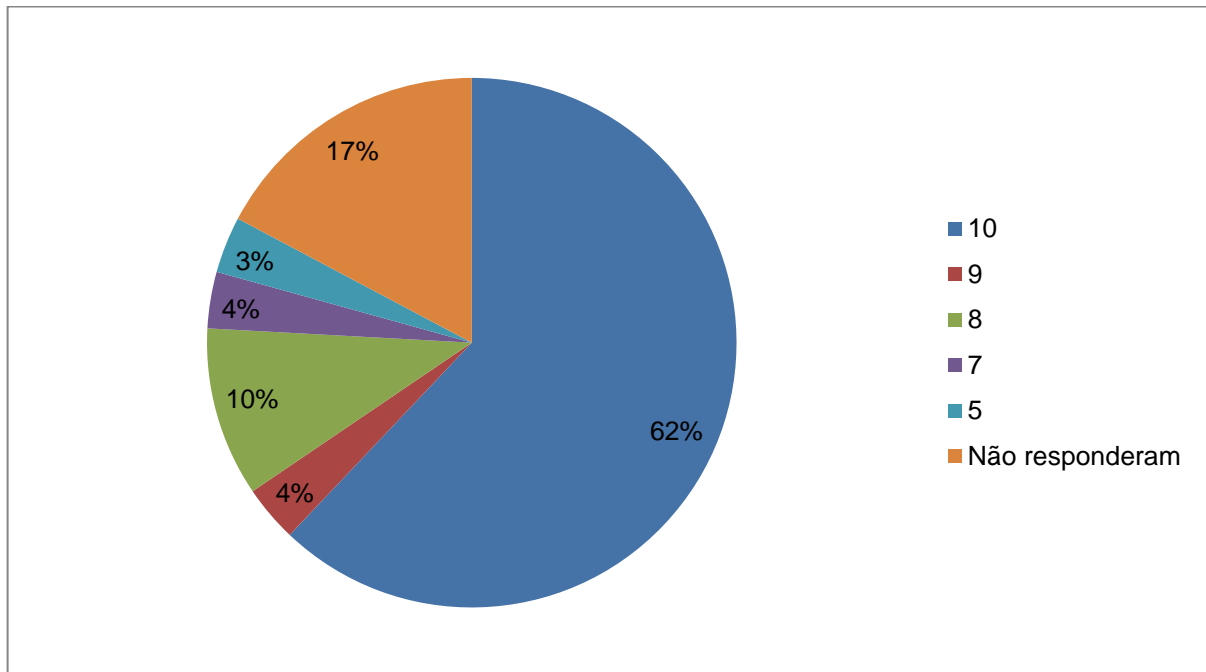
Neste sentido, a análise dos dados nos permitiu comprovar esta colocação sobre a percepção das perdas e quebras de vínculos, pois a maior parte deles não estava satisfeita com a situação em que passava seu tempo livre. Sendo que 57% se declararam insatisfeitos e 43% estavam satisfeitos.

A porcentagem apresentada é significativa, pois equivale a mais da metade dos acolhidos no período analisado. Estar insatisfeito com algo é como abrir uma porta para a mudança. Aqueles que se mantiverem satisfeitos com a forma em que vivem dificilmente estarão dispostos a buscar a mudança de vida.

Lembrando que a internação é uma das formas de se tratar as pessoas, sendo indicada apenas em casos onde o usuário de SPA já não consegue mais sozinho fazer o controle do uso ou manter-se abstinente.

Em alguns casos a pessoa chega a desacreditar de si mesmo e da eficiência de um tratamento profissional. Mas estes ainda são minoria, os demais acreditam no tratamento como mostra a análise seguinte. Nesta pergunta eles deveriam responder de 0 a 10, onde 0 seria nenhum e 10 muito importante, "qual a importância do tratamento para você?":

Gráfico 20. Importância do tratamento



Fonte: elaborado por Adriana Pereira Souza.

Esse percentual relativo à importância do tratamento os coloca em condição favorável para um processo terapêutico de sucesso, pois o primeiro passo deve partir da própria pessoa, quando algo se configura como importante para cada um de nós o interesse em vivenciá-lo também se torna presente, podendo assim surgir a mudança.

Considerações Finais

É possível compreender que o desenvolvimento da dependência química está ligado a diversos fatores, sendo que em alguns casos um fator pode ser mais determinante que outro, sendo perceptível o início do uso na adolescência por ser esta uma fase da vida que deixa o ser humano mais suscetível a novas experiências por nesse período ter menos consciência dos riscos e consequência.

Mas concomitante a isso os jovens vivenciam um período de alienação, que contribui para as necessidades do capital, a força das expressões da questão social, nesse caso, não só ligadas ao pauperismo, mas na forma com que emergem e perpassam a vida cotidiana situações como o aproveitamento do tempo livre e a passagem pela polícia, que apesar de se darem de formas tão diferentes quando se trata de um jovem de periferia e de um jovem de classe média alta, são fenômenos que ocorrem independentes da classe social.

A busca tardia por ajuda também é outro agravante que prejudica a aplicação da política de redução de danos, levando futuramente a necessidade de tratamento. Pode-se

concluir assim, que quanto antes se percebe o abuso de substâncias se deve procurar profissionais para auxiliarem na redução de danos, evitando assim complicações futuras e não permitir que o mercado de drogas se torne só mais uma máquina no sistema capitalista perverso.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. C; MALVASI, P. A. Aspectos transculturais, sociais e ritualísticos da dependência química. In: DIEHL, A. et al. (Org.) **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre: Artmed: 2011.

BATISTA NETO, F. **Drogas: por que as pessoas usam? É possível prevenir?** Florianópolis: Insular, 2009.

BRITES, C. M. **Psicoativo (drogas) e serviço social: uma crítica ao proibicionismo**. São Paulo: Cortez, 2017.

CEBRID. **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2010/E**. A. Carlini (supervisão) [et. al.], -- São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo 2010. SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Brasília – SENAD, 2010.503 p

CFESS. **Nota sobre a regulamentação das comunidades terapêuticas: contribuições do CFESS para o debate**. Brasília, DF, nov. 2014. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/comunidade-terapeutica-2014timbradocfess.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

_____. **O estigma do uso de drogas**. Brasília, DF, 2016. (Assistente social no combate ao preconceito).

DUARTE, P. C. A. V; DALBOSCO, C. A política e a legislação brasileira sobre drogas. In: KERR-CORREA, F; MAXIMIANO, V. A. Z. (Org.). **Capacitação para comunidades terapêuticas: conhecer para cuidar melhor: curso para líderes, voluntários, profissionais e gestores de comunidades terapêuticas**. Brasília, DF: SENAD, 2013.

FRACASSO, L. As mudanças o processo de criação das Comunidades Terapêuticas. In: KERR-CORREA, F.; MAXIMIANO, V. A. Z. (Org.). **Capacitação para comunidades terapêuticas: conhecer para cuidar melhor: curso para líderes, voluntários, profissionais e gestores de comunidades terapêuticas**. Brasília, DF:

KALINA, E. et al. **Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

NEGRÃO, A. B.; CORDEIRO, Q.; VALLADA FILHO, H. P. Genética da dependência química. In: DIEHL, A. et al. (Org.). **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre: Artmed: 2011.

OLIVEIRA, J. B.; KERR-CORREA, F. Os aspectos socioculturais do uso de crack, álcool e outras drogas. In: KERR-CORREA, F.; MAXIMIANO, V. A. Z. (Org.). **Capacitação para comunidades terapêuticas: conhecer para cuidar melhor: curso para líderes, voluntários, profissionais e gestores de comunidades terapêuticas**, Brasília, DF: SENAD, 2013.

_____. Os fatores de proteção e os fatores de risco para o uso de crack, álcool e outras drogas. In: KERR-CORREA, F.; MAXIMIANO, V. A. Z. (Org.). **Capacitação para comunidades terapêuticas: conhecer para cuidar melhor: curso para líderes, voluntários, profissionais e gestores de comunidades terapêuticas**, Brasília, DF: SENAD, 2013.

OLIVEIRA, N. H. D. **Recomeçar: família, filhos e desafio**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SANCHEZ, Z. V. D. M.; SANTOS, M. G. R. Classificação e efeitos farmacológicos das drogas. In: RONZANI, T. M. (Org.). **Ações integradas sobre drogas: prevenção, abordagens e políticas públicas**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013.

SCADUTO, A. A.; BARBIERI, V.; SANTOS, M. A. Comunidades terapêuticas para dependentes de substâncias psicoativas: avaliação dos resultados do tratamento. **Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 146-171, maio/ago. 2014. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v16n2/14.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2017.

SILVA, S. E. V. S. (Org.). **A questão do uso de álcool e outras drogas por adolescentes**. Maceió: EDUFAL, 2011.

SILVEIRA, D. X.; SILVEIRA, E. D. Classificação das substâncias psicoativas e seus efeitos. In: MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**. 6. ed. Brasília, DF: SENAD, 2014.

VANNUCCHI, A. M. C.; CORDEIRO, D. C.; DIEHL, A. Minorias. In: DIEHL, A. et al. (Org.). **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre: Artmed, 2011.